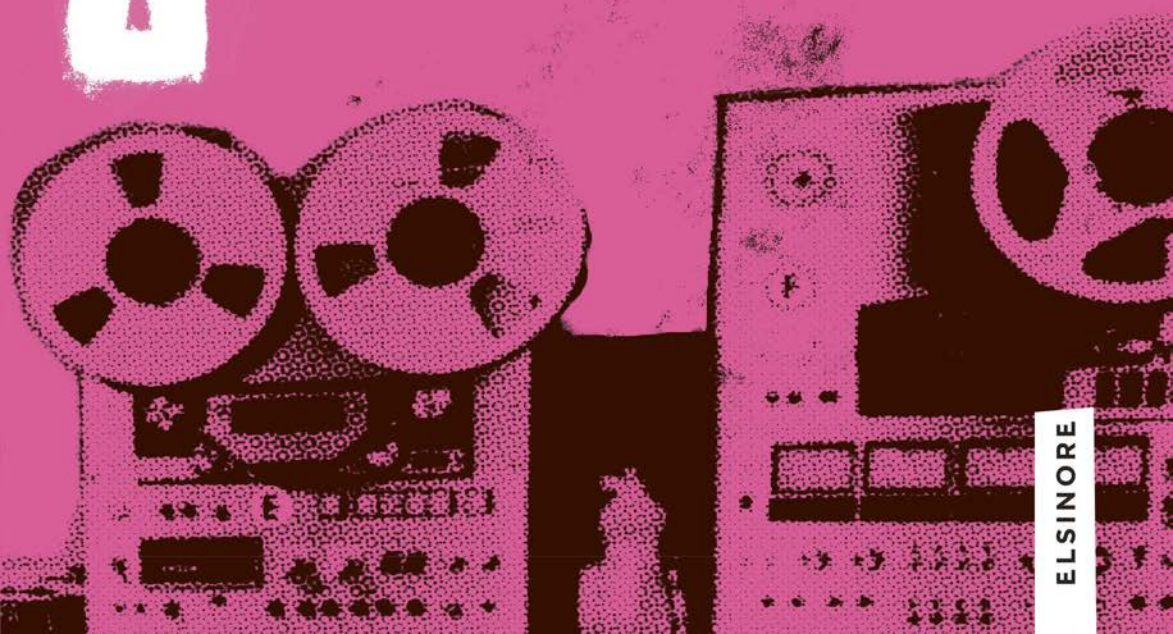
VERNON SUBUTEX

DESPENTES

2

«Raramente o leitor se entusiasmará assim com uma galáxia tal de personagens.»

LE POINT



ELSINORE

Ring the bells that still can ring
Forget your perfect offering
There is a crack in everything
That's how the light gets in.

Leonard Cohen, *Anthem*

para Fabienne Mandron,
Aurélie Poulain,
Roland e Schultz Parabellum

ÍNDICE DE PERSONAGENS DO VOLUME 1

Vernon Subutex: O herói do livro. Antigo vendedor de discos. Expulso do seu apartamento, foi abancando em casas de velhos conhecidos, antes de acabar na rua, no final do volume 1.

Alexandre Bleach: Vocalista francês de *indie rock*, bem-sucedido. Morreu de *overdose* num hotel. Amigo de juventude de Vernon, ajudava-o financeiramente. Certa noite, completamente pedrado, gravou-se numa espécie de autoentrevista enquanto Vernon dormia, e deixou a cassete no apartamento deste. Há várias pessoas à procura desse «tesouro»...

Emilie: Antiga baixista. Amiga de Vernon. Foi a primeira a albergá-lo, mas recusou-se a desenrascá-lo por mais do que uma noite.

Xavier Fardin: Argumentista frustrado. Antigo amigo de Vernon, albergou-o durante um fim de semana. No final do volume 1, encontra Vernon a dormir na rua, e é espancado por um grupo de neonazis.

Marie-Ange Fardin: Mulher de Xavier.

Céleste: Conheceu Vernon num bar. Ele achou que era engate, mas ela, simplesmente, reconheceu-o: o seu pai levava-a à loja de discos de Vernon quando era pequena. Além de tatuadora, trabalha também num bar chamado Rosa Bonheur, no parque Buttes-Chaumont.

Laurent Dopalet: Produtor. Atenção: perigo público...

A Hiena: Ex-detetive privada, especializada atualmente em linchamento cibernético. Foi contratada por Laurent Dopalet para encontrar a entrevista de Alex Bleach.

Anaïs: Assistente de Laurent Dopalet.

Sylvie: Uma das ex de Alexandre Bleach. Dá abrigo a Vernon durante algum tempo, mantendo com ele uma breve aventura. Vernon sai da sua casa levando consigo alguns livros e um relógio «emprestados». Ela procura-o por todo o lado, nas redes sociais, decidida a prejudicá-lo.

Lydia Bazooka: Crítica de *rock*, fã de Bleach, pretende escrever a sua «biografia». É deste modo que conhece Vernon e o alberga durante alguns dias.

Daniel: Ex-estrela porno, atualmente trans, mudou de nome. Tem uma loja de cigarros eletrónicos. Íntimo de Pamela Kant.

Pamela Kant: Ex-estrela porno. Campeã de Tetris *online*.

Kiko: Corretor. Cocainómano. Albergou Vernon durante alguns dias, depois meteu-o na rua.

Gaëlle: Amiga de Kiko, de Márcia, de Vernon e da Hiena. Foi para fazer um favor a esta última que albergou Vernon durante algumas noites (na casa de Kiko, onde vive).

Márcia (originalmente, Leo): Trans brasileira, lindíssima, cabeleireira de estrelas. Vive com Kiko.

Vodka Satana (originalmente Faïza): Ex-estrela porno. Mãe de Aïcha. Ex-amante de Bleach. Ex-colega de Daniel e Pamela.

Sélim: Ex-marido de Vodka Satana. Professor universitário progressista e laico. Cria a filha sozinho desde a overdose fatal de Faïza / Vodka Satana.

Aïcha: Filha de Faïza / Vodka Satana e de Sélim. Jovem muçulmana devota. Sélim, que é amigo da Hiena, pediu-lhe que a ajudasse a perceber a sua filha, cuja personalidade o confunde.

Patrice: Antigo amigo de Vernon, antigo companheiro de Cécile. Marido violento e abusivo. Rompeu os laços com o mundo da música. Foi a última pessoa a acolher Vernon, antes de este acabar na rua.

Noël: Trabalha na H&M. Amigo de Loïc.

Loïc: Estafeta, amigo de Noël. No final do volume 1, é quem desfere o pontapé na cabeça de Xavier Fardin, que o faz acabar hospitalizado, em coma.

Laurent: Sem-abrigo. Oferece a Vernon alguns conselhos e contactos para a sua nova vida de indigente. Move-se pela zona do parque Buttes-Chaumont.

Olga: Ruiva, sem-abrigo, enorme, de carácter feroz. Insulta os neo-nazis que distribuem cobertores aos sem-abrigo. A rua é o seu reino.

Vernon espera que escureça e que não haja luz em nenhuma das janelas em redor, para trepar a cerca e aventurar-se pelo jardim público. Sente o polegar da mão esquerda a latejar, não se recorda de como fez aquele pequeno arranhão que, ao invés de cicatrizar, incha, e surpreende-o que uma ferida tão inofensiva possa fazê-lo sofrer tanto. Atravessa o terreno íngreme, contorna as vinhas, seguindo por um caminho estreito. Tenta não tocar em nada. Não quer fazer barulho, nem que detetem a sua presença pela manhã. Chega à torneira e bebe com avidez. Depois, inclina-se e passa a nuca por água. Esfrega energicamente a cara e tenta aliviar a dor no dedo, deixando-o sob o jorro gelado durante um bom bocado. Na noite anterior, aproveitou o calor para uma limpeza mais a fundo, mas a sua roupa cheira tão mal que, depois de voltar a vesti-la, se sente ainda mais sujo do que antes.

Endireita-se e estica-se. O corpo pesa-lhe. Pensa numa cama de verdade. Em tomar um banho quente. Mas não sabe como. Que se lixe. Habita-o apenas um vazio absoluto que deveria aterrorizá-lo, ele sabe isso, não é o momento para se sentir bem, mas tudo o que sente é esta calma silenciosa e plácida. Esteve muito doente. Mas de momento a febre baixou, e desde uns dias para cá que consegue ter forças para se manter em pé.

Está mentalmente débil. *A angústia vai voltar, não tarda nada*, diz para si mesmo. De momento, no entanto, nada o afeta. Está suspenso, como este estranho bairro aonde foi parar. A colina Bergeyre é um planalto de várias ruas, ao qual se acede por escadas, onde raramente passa um carro, onde não existe um único semáforo, uma única loja. Apenas gatos, e com fartura. Vernon observa o Sacré-Coeur, em frente da colina, que parece planar sobre Paris. A lua cheia banha a cidade com uma luz espectral.

Não diz coisa com coisa. Tem brancas. Isso não lhe desagrada. Por vezes, tenta raciocinar: não pode ficar ali indefinidamente, tem sido um verão frio, vai voltar a adoecer, não pode deixar andar, tem de voltar à cidade, procurar roupa limpa, fazer alguma coisa... Mas, quando tenta focar-se em questões práticas, volta tudo ao mesmo: entra em parafuso. As nuvens têm um som, o ar contra a sua pele é mais suave do que um tecido, a noite tem cheiro, a cidade fala-lhe, e ele decifra o seu murmúrio, que se eleva e o enleva, ele enrola-se no seu interior e flutua. Não sabe há quanto tempo dura esta doce loucura que o arrasta. Não oferece resistência. A sua mente, afetada pelos acontecimentos das últimas semanas, parece ter decidido replicar o efeito dos muitos estupefacientes que ingeriu ao longo da sua vida anterior. Depois de cada episódio, um ligeiro clique, um lento despertar: os seus pensamentos voltam ao normal.

Inclinando-se sobre a torneira, volta a beber grandes tragos, que lhe arranham a traqueia. Dói-lhe a garganta desde que ficou doente. Achou que ia desta para melhor naquele banco. As poucas coisas que continua a sentir com intensidade são de ordem física: uma pontada atroz nas costas, a mão ferida, na qual sente picadas, as bolhas infetadas nos tornozelos, a dificuldade em engolir... Apanha uma maçã no fundo do jardim, é ácida, mas ele precisa de açúcar. Trepa com dificuldade a cerca que

separa o jardim da casa onde costuma dormir. Agarra-se aos ramos para elevar o corpo, quase partindo os queixos ao cair no outro lado. Acaba de joelhos no chão. Gostaria de sentir pena ou de ficar horrorizado consigo próprio. Qualquer coisa. Mas não, nada. Só uma tranquilidade absurda.

Atravessa o pátio traseiro da casa abandonada que se tornou o seu quartel-general. No rés do chão, do que era para ser um terraço com uma vista sublime sobre a capital restou uma plataforma de betão, ao fundo da qual Vernon se protege do vento e da chuva. Postes de suporte ferrugentos delimitam o seu espaço. Vernon soube recentemente, através de um tipo que trabalha na obra em frente, que as obras naquela casa pararam há muitos anos. Os alicerces ameaçavam ruir, as paredes-mestras tinham rachas, e o proprietário tinha decidido fazer grandes obras de remodelação. Mas morreu num acidente de automóvel. Os herdeiros não chegaram a acordo. Meteram advogados ao barulho e entraram em guerra. Fecharam a casa e abandonaram-na. Vernon dorme lá há já algumas noites, não faz ideia se há uma dezena de dias ou um mês — perdeu a noção do tempo, como, aliás, de tudo o resto. Gosta do seu esconderijo. Quando amanhece, abre um olho e fica imóvel, impressionado pela amplitude da vista. Paris deixa-se descobrir, e, vista de tão alto, parece acolhedora. Quando o frio se torna demasiado intenso, enrosca-se numa esquina e dobra os joelhos contra o corpo. Não tem nenhuma manta. Só pode contar com o seu próprio calor. Um gato malhado, zarolho e obeso, vem por vezes aconchegar-se sobre a sua barriga.

Nas primeiras noites na colina Bergeyre, Vernon dormiu no banco onde desfaleceu ao chegar. Durante dias, choveu sem parar. Ninguém o incomodou. A arder em febre, fez uma viagem incrível, alucinou com fervor. Progressivamente, voltou

a si, saindo com relutância do confortável leito do seu delírio. No primeiro dia de sol, um velho bêbedo começou por insultá-lo copiosamente, ao encontrá-lo no seu banco, mas, ao vê-lo demasiado fraco para responder, ficou preocupado com o seu estado e ganhou-lhe afeto. Levou-lhe algumas laranjas e uma caixa de paracetamol. Charles é um gajo ruidoso e meio maluco. Gosta de resmungar e divagar sobre o Norte, onde ele nasceu e onde o seu pai era ferroviário. Escangalha-se a rir, batendo com as mãos nas pernas, até que as suas gargalhadas se transformam numa tosse viscosa que ameaça sufocá-lo. Vernon estava no «seu» banco. Após uma rápida avaliação, cujos critérios só ele mesmo conhece, o velho decidiu fazer-se seu amigo. Trata dele. Passa por lá para ver se está tudo bem. Avisou Vernon: «Não fiques a dormir aqui quando estiver bom tempo», apontando depois para uma casa a poucos metros. «Arranja maneira de entrar ali e esconde-te nas traseiras. Deixa-te ficar sossegado algumas horas por dia, sem que te vejam, senão os serviços municipais vêm a correr desalojar-te. Precisas de descansar mais um pouco, rapaz...»

Vernon não prestou atenção ao aviso, mas, ao segundo dia de bom tempo, entendeu que tinha sido um bom conselho. Os trabalhadores municipais lavavam os passeios à mangueirada. Não tinha dado pela sua chegada. Um deles apontou-lhe a mangueira à cara. Vernon deu um salto, e o trabalhador fez voar os cartões que o protegiam do frio. Era um jovem negro de traços finos, que o fitava com uma expressão de ódio. «Fora daqui! As pessoas não querem ver esse focinho nojento quando abrem a janela de manhã. Desaparece.» E, pelo tom, Vernon percebeu que era melhor obedecer, caso contrário começavam os pontapés. Titubeou, tinha as pernas dormentes por ter estado tanto tempo deitado. Deambulou pelas ruas das redondezas. Ouvia o som do camião da limpeza e tentava manter-se afastado dele.

A injustiça da sua situação era-lhe totalmente indiferente. Foi nesse dia que começou a dar-se conta de que havia algo de errado consigo. Perguntava-se onde tinha ido parar. Demorou algum tempo a perceber porque é que aquele lugar lhe parecia tão estranho: não passavam carros e nem sequer se ouvia o barulho do trânsito. À sua volta só havia casinhas baixas rodeadas de jardins, como antigamente. Se o banco do qual acabara de se levantar não desse para o Sacré-Coeur, teria pensado que, num ataque de febre, tinha apanhado o comboio e acabado na província. Ou nos anos 80...

Demasiado debilitado para continuar a vaguear, voltou ao ponto de partida assim que o camião se afastou. Esfregou as bochechas com as palmas das mãos, surpreendido com a quantidade de barba que tinha. Todo o corpo estava martirizado pelo frio, tinha sede, cheirava a urina. Lembrava-se bem dos acontecimentos dos últimos dias. Tinha abandonado um amigo no hospital, depois de uma rixa que tinha deixado Xavier estendido no chão, sem sequer se perguntar se ele voltaria a si. Vagueou sob a chuva e deu consigo naquele sítio, esteve doente como um cão e feliz como um pobre louco. Mas, por mais que a esperasse, ainda não sentia a dentada repugnante da angústia. Talvez esta o incitasse a reagir. Apenas sentia o seu corpo dorido e o seu próprio cheiro que, por assim dizer, lhe fazia boa companhia. As emoções normais tinham-no abandonado. Passava o tempo a olhar para o céu e assim ocupava os seus dias. Charles voltou a sentar-se ao seu lado, no mesmo banco, um pouco antes de anoitecer:

— Fico feliz por ver que estás a sair da letargia, pá. Já não era sem tempo!

Charles explicou a Vernon que estavam no norte de Paris, perto do parque Buttes-Chaumont. Ofereceu-lhe uma cerveja e estendeu-lhe metade de uma baguete disforme e esborrachada,

que devia ter no saco há já bastante tempo, e Vernon atirou-se a ela com avidez. «Porra, come devagar ou ainda ficas doente. Ficas por aqui amanhã? Vou trazer-te fiambre, a ver se recuperas.» O velho não era um vagabundo, não tinha as mãos calejadas e os seus sapatos eram novos. Mas também não era propriamente muito asseado. Ao que parecia, tinha o hábito de beber com tipos que cheiravam a mijo. Ficaram um momento assim, sentados, sem dizer grande coisa.

A partir daí, Vernon sentiu-se extremamente leve. Uma mão invisível rodou todos os botões da sua mesa de mistura: ficou tudo equalizado de outra forma. Não consegue afastar-se daquele banco. Enquanto não o desalojarem à força, a colina Bergeyre ficará suspensa, uma ilha minúscula e flutuante. É onde se sente bem.

Dá passeios curtos para esticar as pernas e para não passar o dia todo no banco. Por vezes, senta-se nos degraus que delimitam o seu território, detém-se numa rua, mas volta sempre ao ponto de partida. O seu banco, em frente do jardim público, com vista deslumbrante sobre os telhados de Paris. Começa a criar hábitos.

Os operários que trabalham na rue Rémy-de-Gourmont, ali ao lado, começaram por ignorá-lo. Até que o encarregado da obra fez uma pausa para fumar um cigarro, enquanto fazia uma chamada. Dirigiu-se para o banco, e Vernon cedeu-lhe o lugar, afastando-se para que não reparasse nele. E foi quando o homem lhe disse — há dois dias que ando a olhar para ti... Tu não tinhas uma loja de discos? Vernon hesitou, esteve quase a responder que não e a seguir o seu caminho. A sua antiga identidade já não lhe interessava. Tinha-lhe escorregado ao longo das costas como uma manta velha, pesada e incómoda. Quem tinha sido durante décadas já não lhe dizia respeito. Mas o tipo não lhe deu tempo

— não te lembras de mim? Era aprendiz de padeiro, trabalhava ao lado... aparecia por lá constantemente. A sua cara não lhe dizia nada. Vernon abriu os braços — já não tenho os parafusos todos... O indivíduo riu-se — sim, estou a ver, a vida deu-te uns pontapés... Desde então, aparece todos os dias para conversar um par de minutos durante a pausa. Quando se vive na rua, um ritual de três dias já é um velho costume. Stéphane usa bermudas e ténis desportivos grandes, tem os cabelos encaracolados e fuma tabaco de enrolar. Gosta de falar dos festivais a que foi, dos filhos e de contar em pormenor os problemas que tem com os gajos da obra. Evita qualquer alusão ao facto de Vernon dormir na rua. É difícil de dizer se é uma questão de tato fora do normal ou de insensibilidade pura e dura. Oferece-lhe tabaco, por vezes deixa-lhe batatas fritas ou o que lhe sobra da *Coca-Cola*... E deixa-o ir à casa de banho da obra durante o dia. Trata-se de uma grande mudança para Vernon, que tinha de cavar dois buracos no fundo do quintal da casa onde dormia, mas mesmo com tempo quente é difícil escavar um buraco fundo com as mãos e depois voltar a tapá-lo para que não cheire mal... a médio prazo, seria a sua perdição. Os habitantes do bairro acabariam por queixar-se do cheiro.

Há três dias que Jeanine vem vê-lo às escondidas. Também alimenta vários gatos da rua. Leva *tupperwares* com comida para Vernon. Esconde-se, porque os vizinhos já lhe disseram para não encorajar os sem-abrigo a ficarem. Vernon não é o primeiro. Ela contou-lhe: ao princípio, toda a gente achava simpático isso de querer ajudar o próximo, mas depois vieram os problemas: rastos de vómito, um rádio ligado toda a noite no máximo, um tagarela louco da cabeça que não conhecia os limites e queria entrar em casa das pessoas para conversar, outro a tripar em psicotrópicos, a falar sozinho e a assustar as crianças...

A vizinhança não tinha escolha: era preciso diminuir os níveis de compaixão. Jeanine teima em partilhar o seu jantar com ele. É uma velhota minúscula, encurvada, coquete, com as sobrancelhas desenhadas a lápis num traço quase regular, com os lábios sempre bem pintados e os caracóis impecáveis do seu cabelo branco a emolduarem-lhe o rosto. «Em casa, ponho os rolos todas as manhãs, só deixarei de o fazer quando for para a cova.» Usa cores brilhantes e lamenta que o verão seja uma estação tão feia, por causa dos belos vestidos que não pode vestir, «e não sei se estarei cá no próximo ano para os usar». Disse a Vernon que ele é «um querido, vê-se logo, na minha idade temos olho para isso, você é um querido, e tem uns olhos magníficos». Diz o mesmo aos gatos a que dá de comer. Enche-lhe garrafas com água, leva-lhe arroz, que coze em generosas doses de manteiga. Não fez nenhum comentário, mas Vernon suspeita de que ela considera que o que é bom para o pelo dos gatos também o é necessariamente para o homem. No dia anterior, tinha-lhe levado alguns quadrados de chocolate embrulhados em papel de alumínio. Ele ficou surpreendido com o prazer que teve em comê-los. Por um breve momento, quase lhe doeram as papilas. Já se tinha esquecido do que é ter na boca um sabor de que se gosta.

Como todos os dias, por volta das seis da tarde, Charles deixa o balcão da casa de apostas da rue des Pyrénées e sobe a avenue Simon-Bolivar até à mercearia em frente do parque. O empregado não é de sorriso fácil. Mal tira os olhos do ecrã em que vê o jogo de críquete enquanto lhe dá o troco.

O velho arrasta-se até ao parque Buttes-Chaumont. Não está com pressa. Diante do pequeno teatro de marionetas, um grupo de pais espera em silêncio. Lá dentro, os seus pirralhos gritam «cuidado, está atrás de ti!» O seu banco preferido fica à esquerda, não muito longe das casas de banho públicas. Passa a mão pela madeira pintada de verde, sempre suja com as marcas dos pés dos otários que lá os apoiam para fazerem flexões. Abre a sua primeira garrafa com o isqueiro. À sua frente, dois gatos aproximam-se um do outro, soltando miadelas inquietantes, sem se decidirem a iniciar a zaragata.

Charles sempre gostou deste parque. É aqui que toma o seu aperitivo, depois de passar as primeiras horas da tarde a esquivar-se da pálida luz do dia, escondido no fundo do seu bar. O grande problema do Buttes-Chaumont são os desníveis: qualquer dia mata-se a tentar subir uma encosta.

Laurent junta-se a ele. Sabe os seus horários. Há sempre uma cerveja para si. Repete infinitamente as mesmas cinco ou seis

histórias, que acompanha com uma gargalhada cavernosa. À décima vez que ouves a mesma cantilena, tens vontade de lhe dizer que mude de disco, mas Charles não pede muito aos seus pares. Não se pode ser um bebedolas e, simultaneamente, esquisito com as companhias. É claro que preferia que fosse a gorda da Olga a tomar o aperitivo consigo. Sempre teve um fraquinho por mulheres loucas. Não se importava de voltar a meter-se em problemas se a Olga deixasse que ele lhe saltasse em cima numa noite de verão. A primeira vez que a viu, ela levava tamancos de cor verde-alface, ele riu-se na cara dela, disse-lhe que ela parecia um palhaço, e ela deu-lhe imediatamente uma estalada. Charles teve de dar-lhe outra. Olga gostaria de lhe ter devolvido golpe por golpe, mas, não consegue evitá-lo, é um coração mole. Quando bate, é como se beijasse. O velho comoveu-se ao vê-la espernear com tanta convicção, não consegue deixar de sentir carinho por ela. Ela ainda lhe guarda rancor por causa desse primeiro encontro. Charles gosta das loucas e das feias. Sempre fingiu o contrário. Concorda quando os seus amigos lhe dizem que uma gaja que não seja chata é um tesouro a guardar, muitas vezes disse que sonhava com uma miúda jeitosa que não armasse cenas, mas tudo isso não passa de tretas que os gajos como ele dizem. Mesmo tendo oportunidade de se juntar com uma miúda aceitável, ficou com Véro, e sempre lhe foi infiel com mulheres que não devem muito à beleza. Cada um com os seus gostos. As gajas decentes chateiam-no.

Os caminhos do parque estão encharcados. Choveu durante horas. Nos bares, ninguém fala de outra coisa, do tempo, da merda de primavera que tem sido. Irá demorar algum tempo até que as pessoas voltem a vir ali passear. As únicas pessoas à sua volta são os do *jogging*, que parecem ter estado escondidos nos arbustos, à espera de poderem saltar cá para fora, ofegantes como se tivessem sido torturados. Está fartinho deles, gostava de poder

pará-los, em nome do bom senso, já que é evidente que aquilo a que se submetem é perigoso para a saúde. Laurent olha para os seus sapatos, enojado:

— Por acaso calças o quarenta?

— O quarenta e quatro. Porquê?

— Andas sempre com sapatos bonitos. Estou à procura de um par... Não gosto nada destes.

— São sapatos de pedreiro. Não são confortáveis.

— Tive de passar pela sopa dos pobres para encontrar isto... não tinham nada de jeito. É a crise, as pessoas não dão coisas.

— Estás feito.

— Amanhã vou ver à rue Ramponeau, espero que tenham um par do meu número, estes aleijam-me os calcanhares, vou ficar com bolhas.

No banco do lado, um negro enorme com fato de treino prateado assedia um homem branco franzino, que, em calções, se esforça por seguir as suas ordens. Com uma voz poderosa, o *coach* grita-lhe «não pares, não pares, apanha a corda, sem parar, vá, não pares!», e o franganote dá saltinhos a olhar para o vazio, exausto, quase a cair para o lado. Laurent não lhes presta muita atenção, está fascinado com uma mulheraça gorda que sobe o caminho com um fato azul, como uma astronauta bêbeda. Charles passa outra cerveja a Laurent e diz:

— Se fosse eu a mandar, proibiam os desportistas no parque. Estragam o ambiente.

— E ficávamos sem estas brasas a correr por aí seminuas? Topa-me essa que está aí a chegar, não ia ser uma pena se a proibíssemos de nos dar este espetáculo?

O problema de gajos como Laurent, e são uma data deles, é que as suas reações são previsíveis. A estudante loura e limpinha

que vem a descer a encosta aos saltinhos não tem interesse absolutamente nenhum. Cheira a sabonete até quando corre. Não é que Charles tenha padrões morais que se apliquem à líbido dos outros. Mas os gajos tornaram-se todos iguais, parece que andaram a ter aulas noturnas para se parecerem uns com os outros, tanto quanto possível. Se abríssemos o cérebro de Laurent ao meio para observar o seu funcionamento, encontraríamos exatamente o mesmo arsenal de parvoíces que existe no do executivo em sofrimento ali ao lado, a fazer abdominais: miúdas *ultralight*, bijuteria *Rolex* e uma casa enorme na praia. Sonhos de gente estúpida.

Entre a sua geração e a de Laurent há uma diferença importante: a sua não adulava os burgueses. Digam o que disserem, todos os operários de hoje gostavam de ter nascido no grupo dos vencedores. Em Lessines, onde cresceu, o tempo era pautado pelo ritmo das sirenes das pedreiras. Desprezavam os burgueses da zona alta da cidade. Não iam para os copos com o chefe. Era a norma. Nos bares, só se falava de política, o ódio de classe alimentava uma autêntica aristocracia proletária. Sabiam desprezar o chefe. Tudo isso desapareceu, ao mesmo tempo que o amor ao trabalho bem feito. Já não há consciência proletária. A única coisa que agora interessa é ser-se parecido com o patrão. O desejo de um gajo como Laurent, se lhe dessem carta-branca, não é obrigar os ricalhaços a partilharem a sua riqueza, mas sim entrar nos seus clubes. Uniformidade de desejos: uns pacóvios. Vão dar boa carne para canhão.

Um pouco mais à frente, no caminho, junto a um grande canteiro de flores, quatro guardas fumam, acompanhados por um homem com fato cinzento. Um asiático baixote e sorridente, um *habitué* do parque que anda sempre com um *Stetson*, sobe de costas uma encosta coberta de relva. Faz sempre isso quando

chega ao parque, e não fala com ninguém. Um velho cão cinzento de patas curtas e pelo comprido corre à volta dele em círculos. Charles vira-se para o seu companheiro:

— Sabes porque é que os chineses fazem aquilo?

— Subir de costas? Não faço ideia. É outra cultura.

— Lá isso é verdade, não é algo que costumemos fazer.

Desde o início da primavera que Laurent está instalado nos carris ferroviários abandonados que atravessam a parte de baixo do parque. Como são poucos os que lá dormem, os guardas fazem vista grossa, desde que ninguém ande na relva durante a noite.

Uma mulher hesita perto do banco onde eles estão sentados, como se se tivesse perdido. Usa um grande casaco vermelho abotoado na frente, o tipo de peça que uma criança pequena usaria, o que lhe acentua o rosto enrugado. Deve ser professora. Se estivesse mais em contacto com adultos, vestiria um casaco diferente. Laurent levanta a mão ao vê-la e cumprimenta-a de longe. Ela parece surpreendida, depois reconhece-o e aproxima-se.

— Olá! Como vai isso?

— Impecável. Quer um gole? — pergunta, estendendo-lhe a garrafa.

Instintivamente, ela dá um passo atrás, como se Laurent lhe fosse meter o gargalo pela boca à força.

— Não, não, não, obrigada. Estou à procura do Rosa Bonheur. Sabe para que lado devo ir?

— Anda sempre à procura de alguma coisa...

Laurent está a armar-se em engatatão. Charles sente vergonha alheia. Parvalhão, achas mesmo que uma mulher bonita e arranjada como esta vai querer beber da tua garrafa ou levar com as tuas tangas?

— Não é difícil dar com o Rosa Bonheur, siga por ali e vá sempre em frente aí uns quinhentos metros. Chegou a encontrar aquele tipo, o Subutex?

— Não. Voltou a vê-lo?

— Não... mas pode dar-me o seu número de telefone, se souber seja o que for, ponho-a ao corrente...

Laurent debita as suas tretas em tom de rececionista. Enche o peito, abre a grossa gabardina caqui, puxa de um velho caderninho laranja e pede uma caneta à mulher, lançando-lhe um sorriso desdentado. Dá pena vê-lo tentar mostrar que consegue ser civilizado. A mulher de vermelho faz beicinho e desvia maquinalmente uma mecha de cabelo dos olhos. Laurent continua a falar, como é costume — quando tem um novo ouvinte, não o larga facilmente:

— O Vernon pôs-se numa alhada ao meter-se com a boazona errada... É típico de um novato: demasiado mole. Se o tivesse visto com a Olga, tinha-lhe dito para se pôr a pau. Ela engana-os a todos. Ao princípio parece porreira, mas dás-te com ela e acabas com merda até ao pescoço... Não foi feita para as mulheres, a rua. Para elas, aliás, não é tão complicado evitá-la. A Olga podia ter tido três putos quando tinha idade para isso, agora estava a mamar subsídios, e mais, quando és mãe solteira, dão-te casa. Nós, os gajos sem filhos, bem que podemos morrer... mas as famílias são sagradas! Já ela, bom, parir, não, isso era pedir-lhe demasiado... É uma inútil de merda, a Olga. Tem de fazer tudo como um homem... exceto quando há confusão com alguém, para dar o primeiro soco, lá está ela, mas para levar, surpresa, quem leva é sempre o tipo que estiver com ela...

— Se por acaso o vir, diga-lhe que andamos à procura dele, pode ser? Diga-lhe que a Emilie, o Xavier, o Patrice, a Pamela, a Lydia... Está toda a gente à procura dele. Diga-lhe que estamos

preocupados... e que temos coisas para lhe contar, coisas importantes...

— Então, aponto o seu número? Como se chama?

A mulher do casaco vermelho não sabe como dizer não. Chama-se Emilie, dá-lhe o seu número de telemóvel, num tom relutante, e afasta-se com pressa. Tem as ancas um pouco largas, o andar algo desengonçado. Charles pergunta «de onde é que a conheces?», e Laurent gaba-se:

— Bom, é um grupinho. Andam à procura do Vernon Subutex, mas não faço a mínima ideia de onde se meteu...

— Quem é esse cromo?

— Um que andava por aqui. Maçarico. Um tipo que não está feito para esta vida. Demasiado frouxo. Demasiado frágil. Não sei para onde foi, mas via-se que o gajo não estava preparado para viver na rua. Os agarrados, ao menos, têm alguma experiência da rua, mas ele... demasiado delicado, o gajo. Meteu-se de bronca em bronca até que um amigo seu levou uma porrada e ficou estendido no passeio. E o fulano desapareceu. Os amigos andam à procura dele desde então...

— Não parecia chateada.

— Não me parece que lhe queiram dar uma sova... parecem mais um bando de chalados que andam há três dias pelo parque à procura do Subutex...

— Como é que esse gajo é?

— Francês, pálido, olhos bonitos, pinta de roqueiro apaneleirado, cabelo grande... não parece grande coisa, na verdade, mas não é mau rapaz.

A descrição coincide atabalhoadamente com a do seu companheiro da colina Bergeyre. Charles desconfia. O gajo esteve tão doente que pensou que ele ia lerpar ali no banco. Lá terá as

suas razões para se esconder. Todos nós temos os nossos segredos e a nossa própria maneira de lidar com eles.

— E não tens a menor ideia de quem seja aquela mulher?

— Porque é que estás tão interessado nisso?

— Não é normal que uma senhora como ela ande à procura de um sem-abrigo...

— Com as mulheres nunca se sabe. Passam a vida a esconder coisas... deve ter qualquer coisa que ver com um morto.

— Um morto?

— As mulheres estão constantemente a dizer que a única coisa que lhes interessa são as crianças... ter bebés, criarem-nos, essa merda toda... e a nós pedem-nos para acreditar no que dizem. Mas pensa um pouco. As gajas só são obcecadas por uma coisa: os mortos. É assim. Não os esquecem. Querem vingá-los, querem enterrá-los, querem estar seguras de que eles descansam em paz, querem que a sua memória seja respeitada... as mulheres não acreditam na morte. Não conseguem. Esta é que é a verdadeira diferença entre elas e nós.

— Não sei onde foste buscar essa teoria da treta, mas tenho de admitir que é original...

— Volta a pensar nisso esta noite, enquanto emborcas o teu vinho. Vais ver. Faz sentido.

— A tua teoria não nos explica o que é que ela queria.

— Não, mas também não me importava nada de dar dois dedos de conversa com essa senhora. Sou assim, nasci para ajudar as pessoas. E gosto muito deste tipo de mulher, tímida, dá-me vontade de lhes saltar prà espinha...

Charles deixa-o com os seus comentários lascivos. Está genuinamente surpreendido por a mulher de vermelho lhes ter dirigido a palavra. Charles também parece um vagabundo. As pessoas

pensam duas vezes antes de falarem com ele. Mas quando lhe apetece falar com alguém, sabe como fazê-lo. Passa-se o mesmo com os pombos e os corvos, trata-se de lhes ir dando pequenas doses de atenção. Faz como a velhinha com quem se cruzavam no bairro até ao verão anterior. Vivia na rue de Belleville, e quando saía de casa, às quatro da tarde, os pombos reconheciam-na imediatamente. Juntavam-se em grupos enormes, no céu e no chão, e seguiam-na. Ela espalhava punhados de migalhas e de milho ao pé das árvores. É proibido dar de comer aos pássaros. Para quem não acompanhava os seus passeios, aqueles bandos de pássaros que se precipitavam pela avenue Simon-Bolivar tinham algo de extremamente inquietante. Um dia, os seus filhos meteram-na num lar. Charles soube disso ao balcão de um bar que fica em frente da cerca do parque. Ela era proprietária do apartamento onde vivia. Os filhos devem ter-se dado conta de que os tempos estavam a mudar, de que a crise estava ao virar da esquina, e preferiram vendê-lo antes que desvalorizasse. Siga para o lar! Ela era alegre e nunca dava na pinga, o seu único prazer de velha chalada consistia em dar de comer aos pombos à hora do passeio... não incomodava praticamente ninguém. Charles tem vontade de rir das pessoas que têm filhos e pensam que eles são um seguro de velhice. Já tem suficientes anos em cima para ter observado que a única coisa que fazem é alimentar futuros abutres impacientes. Ninguém gosta dos velhos, nem sequer os próprios filhos.

No parque, existe outro como ela. Um tipo que também anda curvado, que aparece todos os dias, que escuta algo nos auscultadores. Tem o cabelo comprido e veste um blusão preto coçado. É amigo dos corvos. Assim que chega, os pássaros reconhecem-no e formam um círculo à sua volta. Os corvos parecem muitíssimo mais organizados do que os pombos. São gordos como

aves de criação, têm uma bonita cor negra, brilhante, e uma inteligência inquietante para os humanos, acostumados a acreditar que os animais não entendem grande coisa. Os corvos do parque percebem rapidamente com quem têm de se entender. Não necessitam do velho para comer — remexem o lixo a bicadas e servem-se. Mas parece que gostam de socializar. Não se limitam a apresentar-se quando o velho chega com a comida. Esperam-no. E se o gajo tem de mudar de sítio porque os guardas o controlam, os passarocos não ficam nervosos, seguem-no e avisam-se uns aos outros de que a reunião mudou de lugar. O velho deixou de vir, no início da primavera. Charles não sabe o que se passou. Provavelmente internaram-no. É demasiado jovem para que os seus filhos o tenham metido nalgum lugar, mesmo com pressa de sacar a sua parte da massa, não é fácil desembaraçar-se de um familiar que ainda esteja em forma, sobretudo se estiver lúcido — têm de se aguentar e ter paciência. Charles pediu a Véro que procurasse na Net o que comem os corvos. E vai todos os dias ao mesmo sítio e à mesma hora dar de comer aos bichos. Disse que alguém teria de assumir a tarefa. E percebeu porque é que há gente que faz estas coisas — os corvos não são menos divertidos do que os amigos do bar. Têm os olhitos vivos e fazem-te rir. Charles vai todas as semanas à secção de animais do Bricorama. É o corredor que pior cheira de toda a loja, infestado de moscas, porque deixam pacotes abertos de comida para cães — viu-se num tem-te não caias pelo corredor fora, com pontadas nas cruzes e uns joelhos que já não aguentam muito — as gambias cedem, o homenzinho vai-se abaixo das canetas, é normal, é a idade. Mas aguenta. Foi com a idade que ganhou esta mania de ser bonzinho.

Charles ganhou a lotaria. Sim. Ele, o velho furúnculo seco. Parece piada. Costuma apostar nas corridas de cavalos, mas raramente na lotaria. Como todos os incautos da loja de apostas,

de vez em quando preenchia uma quadrícula, tentado por um prémio grande. Neste caso, o mais surpreendente não foi ganhar, mas sim estar em frente da televisão na noite do sorteio, tinha-lhe dado preguiça de se levantar e mudar de canal, porque o comando estava sem pilhas. Foi preciso acontecerem todas estas coincidências para que se interessasse pelo resultado — não imaginava que pudesse estar entre os vencedores. Embora, afinal, a ideia do jogo é que pode sair a qualquer um. Incluindo a ele. Joga sempre com os mesmos números, a data de nascimento da sua mãe... Não é complicado. As bolas começaram a rolar pelos tubos — nunca entendeu os jogadores regulares, não há nada mais chato do que um sorteio da lotaria. E começaram a cair os seus números, um atrás do outro, com a precisão aterradora do destino que vem de encontro a ti, e a mais ninguém. Despertou da sua sesta. Ia-lhe encolhendo o peito à medida que as batidas do coração aumentavam. A alegria demasiado intensa não é muito agradável. Ficou imediatamente sóbrio. Véro estava deitada no sofá, a dormir como uma pedra, com a boca aberta e os cantos dos lábios manchados de vinho. Se tivesse acordado naquele momento, ele ter-lhe-ia dado a maior galheta da sua vida — tudo menos confessar que tinha a impressão de ter ganhado. Porque, antes de tudo o resto, por estar obviamente pouco acostumado a que a vida lhe proporcionasse surpresas agradáveis, pensou que delirava, ia agora ser ele a encontrar uma agulha num palheiro.

Procurou nos bolsos do casaco e encontrou o boletim. Foi um milagre, porque sabia que o tinha dobrado sem lhe prestar demasiada atenção. Dez minutos antes, teria sido incapaz de ir à casa de banho sem tropeçar, mas, de repente, sentia-se ágil como uma cabra. O cérebro em curto-circuito, Deus me valha. Demasiado abananado para sentir alegria, assim de repente.

Dizia para si *deixa de foder a cabeça com merdas de bêbedo, seu velho nojento, ouviste mal, amanhã vês que te enganaste, talvez tenhas acertado num ou dois números, mas em todos... achas mesmo que sim? Não te cansas de ser imbecil?* Não pregou olho toda a noite. Meteu-se na cama vestido, depois arrastou-se até ao sofá, tentou acordar Véro, abriu uma cerveja, emborcou-a à janela e voltou a meter-se debaixo dos lençóis. Em vão.

No dia seguinte, estava no bar às oito da manhã. Tinha copiado os números, com cuidado, confirmando por duas vezes que não se equivocara, tinha virado o boletim em todos os sentidos, mas não viu nada suspeito. Sentou-se ao balcão, ao fundo, na penumbra — de qualquer modo, àquelas horas não conhecia ninguém, e sabia que o casal de chineses que ficou com o negócio depois de Ahmed, o antigo dono, ter morrido de aneurisma, enquanto via TV, numa noite de verão, não iria meter conversa consigo. Já o tinham metido na rua várias vezes, quando estava demasiado enfrascado, e não o gramavam lá muito. Mas era o seu bar, ao qual ele voltava todas as manhãs.

Charles abriu o jornal e verificou os números novamente. De manhã, em jejum, parecia-lhe ainda mais aberrante do que na noite anterior. Aquela brutal desordem no seu ritmo causava-lhe mais estupefação do que alegria. Esteve a ponto de se queixar de que a sorte nunca o deixava estar em paz. Isto só prova como nos conhecemos mal a nós próprios: ele podia jurar que odiava a sua vida e que daria qualquer coisa para mudá-la totalmente; mas agora que isso acontecia, agarrava-se aos seus velhos hábitos, como se alguém ameaçasse que o iria expulsar de casa a pontapé. Dois milhões. Parece-te bem, ó pançudo? Bastou uma noite para que Charles perdesse a sua despreocupação. Durante mais de sessenta anos, tinha avançado por entre uma existência de comas etílicos com aperitivos, de gritos ao balcão,

para quem quisesse escutá-lo, dizendo que se estava completamente a cagar para tudo, e para que não o chateassem. Acabou-se a tranquilidade.

No entanto, já tinha vivido várias vidas. Tinha visto a sua mãe esfregar o chão com os dentes para conseguir dar-lhes alguma coisa que comer, tinha visto o seu pai desaparecer de um dia para o outro e não fazer nada para voltar a ver a mulher ou os filhos; era aprendiz quando as greves estalaram na Bélgica, nos anos 60, tinha sido rei da petanca e camionista, funcionário de escritório e apaixonado jogador de tarô[1], afixador de cartazes e corno, contrabandista e estucador. A grande paixão da sua vida era a bebida, os balcões e as tabernas abertas toda a noite. É um bebedor alegre. A pinga nunca o dececionou nem nunca o abandonou. Ofereceu flores a idiotas e comportou-se como um imbecil com miúdas simpáticas, teve dezenas de amantes, cada uma mais taralhouca do que a outra. A mais puta foi uma beta, a sua família ainda tinha um castelo em ruínas e gostava de aviltar-se aos balcões dos bares. Fez-lhe um filho. Ele disse-lhe que não queria ser pai, eram os anos 80, ela disse-lhe que o teria sozinha, e se não gostas, tivesses feito uma vasectomia, cabrão. Era verdade. Ele não reconheceu a criança. Nunca fez nada para a conhecer. Véro também ficou grávida. Mas quando ele lhe disse que não queria ser pai, fez o desmancho. Zangou-se com ele, ralhou-lhe, mas fez o desmancho. E sozinha, sem lhe pedir que a acompanhasse nem que a ajudasse a pagar. É uma tipa dura. Reagiu como uma proletária. Nada une tanto como as dificuldades, os proletários aprenderam a cerrar fileiras. Véro é da velha guarda, descendente da professora primária que se casava com o camponês, que não traía o seu homem.

[1] Além da conotação esotérica habitualmente dada, tarô é também um jogo de cartas. (*N. do T.*)

Charles bem se deu conta de que a ela custava não ter um puto. E mesmo a ele, lá no fundo, aquilo tocava-o. Mas é preciso ser realista, dois bêbedos como eles, por mais que a pobre da criança berrasse a noite inteira, nenhum dos dois acordaria. E com as trombas que eles têm, como não teria saído o puto? Fez o desmancho. Não como a imbecil da beta. Se a boa sorte de Charles chegasse aos ouvidos daquela falsa baronesa, de certeza que se apresentava com a prova de paternidade, num piscar de olhos. E os gajos não têm nem voz nem voto, são pais de profissão. Ia reclamar a sua parte da massa e ia fazer-lhe a vida num inferno. Véro ia gritar e subir pelas paredes — e, desta vez, teria razão, a velha.

Além disso, tampouco o contaria a Véro. Pelo menos, por agora. Tinha de pensar bem antes de lho dizer. Subiu a rue des Pyrénées e entrou nos correios para pedir uma lista telefónica. Queria procurar o número da entidade que explora os jogos, mas a mulher que estava no guichê, uma jovem negra gorda e sorrateira, riu-se na sua cara. Já não havia telefones nem listas telefónicas nos correios. Ele olhou para ela de cima a baixo «pois, a mim parece-me o cúmulo não podermos telefonar nos PTT»[2], ela deu-lhe um raspanete, sorrindo, «ouça, você é demasiado jovem para continuar a dizer PTT!» Afinal, era menos idiota do que parecia. Ficou desarmado, suspirou e saiu sem fazer um escândalo. Dirigiu-se à place Gambetta, mas a cervejaria na qual se recordava existir uma cabina telefónica, na cave, tinha sido renovada. Não conseguem evitá-lo. As coisas funcionam bem, toda a gente está contente com elas, foram desenhadas com bom senso e solidez — mas têm de mandar abaixo o que funcionava bem para lá porem merdas que ninguém entende.

[2] Postes, Télégraphes et Téléphones (PTT) foi uma entidade pública francesa responsável pelos correios, telégrafos e telefones, nos séculos XIX e XX. (*N. do T.*)

A última loucura é abrirem-se bares onde os bêbedos não são bem-vindos. Expulsam a clientela ideal. E depois queixam-se de que vão à falência. Um bar não se mantém com três turistas a morfarem sandes mistas. Para aguentar, precisas de clientes assíduos, de gajos dispostos a venderem a casa para beberem um copo. Se vendes álcool, precisas de uma clientela de entusiastas, não de malta que gosta de *kir* de morango.

Charles acabou por comprar um cartão de chamadas telefónicas. Foda-se, se isto fosse tudo uma treta que contou a si mesmo, se não tivesse ganhado nada, tinha acabado de desbaratar dez euros num cartão que nunca mais voltaria a utilizar. Charles desconfia dos telefones. Já não ouve muito bem, não entende bem o que lhe dizem. São uma chatice, no final, acaba sempre por estar aos gritos com o auscultador. Procurou uma cabine telefónica que estivesse num sítio tranquilo, onde não corresse o risco de que alguém o reconhecesse e abrisse a porta e lhe dissesse, que raio fazes tu aqui, ó meu cabrão?! Anda, vamos meter uma no bucho.

Não sabia como expressar o que tinha para dizer. «Tenho em meu poder o boletim premiado» ou «estou a ligar para pedir informações sobre o *jackpot*»... Como a todos os proletários, era-lhe difícil dirigir-se às instituições. Não lhe apetecia nada parecer um labrego, e sabia que, quanto mais se esforçasse para falar bem, mais evidente seria.

A menina no outro lado da linha já tinha ouvido de tudo. Isso tranquilizou-o. É claro que não era o único patego que ligava para a Française des Jeux. Nem sequer o pior de todos. Ela entendeu logo onde ele queria chegar — para ela, um boletim vencedor fazia parte das coisas que acontecem, espere um momento, por favor, escutou o *Bolero* de Ravel, depois um outro esbirro escutou amavelmente o seu paleio confuso, pediu-lhe

que repetisse os números marcados no boletim e disse-lhe que lá fosse o mais rapidamente possível, para confirmarem os números, e Charles ficou em pânico, o que era natural quando lidava com organizações — não, não posso ir, não tenho tempo, e então o outro, sem perder a paciência, disse-lhe, segunda-feira, venha na segunda-feira, dou-lhe a morada, não se preocupe, sim, será anónimo, totalmente anónimo, não, não se preocupe, ninguém fica à porta à espera de quem ganhou o primeiro prémio, não, olhe, nos nossos escritórios entra e sai muita gente, será impossível distingui-lo de um jogador que vem fazer uma reclamação ou de um empregado — entre o nosso pessoal, sim, algumas pessoas ficarão a conhecer a sua identidade, mas temos cláusulas de confidencialidade extremamente rigorosas, pense bem, você não é o único nessa situação, não, embora seja demasiado velho para trabalhar connosco, ninguém lhe tirará fotos à entrada, se me permite um conselho, evite disfarçar-se demasiado, por vezes, ao querer fazer as coisas bem, acabamos por fazê-las mal, evite os óculos e as perucas... Decididamente não era o primeiro parvo a quem saía o primeiro prémio.

De volta a casa, arrependeu-se de ter adiado para segunda-feira. Até de ir cagar tinha medo, não fosse alguém abrir uma janela nesse momento, fazendo cair um aparelho de rádio que abrisse a gaveta, e nesse caso bastava uma corrente de ar e, pumba, adeus, boletim. Aí, bem podia dizer adeus ao humor e à ligeireza. Até se conteve a beber cerveja, não fosse cometer uma parvoíce. Corria perigo... E não se tratava apenas do medo da má sorte, a típica cena das pessoas da sua classe social, o grão de areia que trata de deixar-te pregado ao solo, da maneira mais incrível possível, o destino que inventaria qualquer coisa para que os proletários continuassem na merda... Havia uma coisa mais lixada. O que faria com aquele monte de massa? Pelo amor

de Deus, em três dias e três noites de insónia teria tempo de dar voltas e mais voltas ao problema: uma casa? Que raio faria com uma casa? Onde? Numa aldeola onde não conhecesse ninguém? No Sul, com os cabrões dos fachos? Com bares cheios de caçadores que só falam em exterminar roedores? No *XVe arrondissement*, onde os cafezitos são menos acolhedores do que os estabelecimentos penitenciários? Na Normandia? Sinceramente, que raio faria noutro sítio que não em sua casa? Uma casa. Bela merda. Apetecia-lhe comprar uma casa? Ser proprietário dava-lhe cabo da cabeça. E só a ideia de ir a um notário e preencher um monte de papéis... Ah, não, não. Não queria nada disso para a sua velhice.

Dirigiu-se, tal como tinha combinado, à Française des Jeux. Esperavam que tivesse pensado em investimentos, projetos a longo prazo... Enquanto escutava, estoicamente, a lengalenga delirante do empregado, sentia que punha a cara do ator Jean Gabin, como se a qualquer momento fosse dizer «meu amigo, olha que não vais continuar a chagar-me a cabeça durante muito tempo». Mas ficou calado, esperando que lhe dessem autorização para dar à sola com o seu cheque. Tinha passado toda a sua vida a desprezar os que fazem dinheiro sem trabalhar, não era agora que se ia a pôr a especular na bolsa.

De volta à sua cozinha, estava mais desmoralizado que outra coisa. Bom, que vais fazer com tanto dinheiro, avozinho? Comprar fatos? Nem pensar. Viajar? Melhor bater a bota. Não gostava de malas, nem de sol, nem de praia, e ainda menos de mudar de ares. Então o quê? Uma porra de problema... Ia gastar em miúdas. Não o incomodava nada que uma miúda lhe fizesse um botão-de-rosa a troco do seu dinheiro... Mas onde iria desencantar as meninas? Os bares que frequentava não andavam propriamente cheios de gajas boas... Meu Deus, ele ainda não tinha cheirado o dinheiro e já vislumbrava toda uma série de dificuldades,

ir ao banco, papelada, novas amizades, hipocrisias e complicações de todo o tipo...

Ficou sentado diante do frigorífico durante um bom bocado, aparvalhado. Véro levantou-se e montou-lhe uma cena dos diabos porque ele se tinha esquecido de comprar azeite, e era a vez dele. Ela tomava uma colher de sopa cheia de azeite todos os dias, antes do aperitivo das quatro da tarde, coisa que ao que parece lhe acalma as tripas e a faz aguentar melhor o álcool. Charles deixou-a gritar e vestiu o casaco sem responder, dizendo a si mesmo que ia às putas. Era nisso que gastaria o dinheiro. Mas uma vez em frente do pequeno local de massagens da rue de Belleville, do qual tão bem tinha ouvido falar no bar, limitou-se a espreitar a entrada, com as suas cadeiras de plástico e os pósteres de reflexologia nas paredes. E deu meia-volta.

Tinha ido muito às putas na época em que moravam por trás da estação de Saint-Lazare. Por vezes, dava voltas ao redor de uma menina durante meia hora antes de se atrever a perguntar-lhe quanto levava. Quando não estava bêbedo, era tímido com as mulheres. O que não impede que, sem se vangloriar, lhes agradasse. Conheceu as grandes senhoras da rua. Aquelas que não se deixavam enganar. Não eram mais belas do que as raparigas de hoje em dia. Mas tinham resposta para tudo, calavam-te a boca, era melhor que te portasses bem. Por fim, quando era preciso procurá-las nos grandes *boulevards*, era menos prático. Ele não tinha carro. Ia a pé. Elas não tinham quarto. Deixou-se disso quando passaram para o outro lado do Périphérique. Não ia apanhar o comboio suburbano só para que lhe fizessem um bico... Quando os chineses invadiram Belleville, fê-lo uma vez, numa viela, com uma mulher em anoraque, elegante e amável, mas que não falava uma palavra de francês, e isso não o excitou muito, não lhe podia dizer bom dia nem boa tarde.

Vernon Subutex, ex-proprietário arruinado de uma loja de discos, continua a viver nas ruas e da caridade de amigos e conhecidos desde a morte de Alex Bleach, seu protetor e *rock star* tornado ícone das redes sociais. Febril e a alucinar, dedica grande parte do tempo a vaguear por um parque da zona norte de Paris, completamente alheio ao facto de existir um grupo de pessoas desesperadas por encontrá-lo — e, mais do que a ele, às famigeradas cassetes que guarda consigo, nas quais a derradeira e perturbada confissão de Bleach esconde segredos que, uma vez divulgados, poderão ter consequências catastróficas.

Numa Paris repleta de falhados e manipuladores, enlouquecida pela ganância, pelo crescente ódio social e pelo extremismo político e religioso, o universo de *Vernon Subutex 2* é, acima de tudo, o espelho implacável da sociedade europeia dos dias de hoje, num livro descrito pela crítica como «parte épico social, parte *thriller punk rock*».

«*Vernon Subutex* é um romance notável
que simplesmente nos perturba.
Despentes é uma escritora extraordinária.»

L'EXPRESS

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
elsinore.pt
penguinlivros

ISBN 9789897875953